

Universidade de Brasília
Polo de Itapetininga/SP

A MEDIAÇÃO TEATRAL E A FORMAÇÃO DO ESPECTADOR
NO AMBIENTE ESCOLAR

FABIANA DOMINGUES LIMA

ITAPETININGA/SP

2015

FABIANA DOMINGUES LIMA

A MEDIAÇÃO TEATRAL E A FORMAÇÃO DO ESPECTADOR
NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em Teatro, polo de Itapetininga/SP,
Universidade de Brasília.
Orientadora: Profa. Dra. ALICE STEFÂNIA.

ITAPETININGA / SP

2015

FABIANA DOMINGUES LIMA

A MEDIAÇÃO TEATRAL E A FORMAÇÃO DO ESPECTADOR
NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, apresentado à UnB – Universidade de Brasília/Polo de Itapetininga, como requisito para obtenção de título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a _____.

Itapetininga, ____ de _____ de 2015.

Professor _____

Professor _____

Professor _____

Dedico este trabalho a meu esposo Alexandre, com amor e gratidão por sua compreensão, carinho e incansável apoio ao longo de todos os anos de estudo e a meu filho Felipe, meu grande amor e maior motivação durante a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por me proporcionar a oportunidade de estudar e me graduar na área que tanto admiro. Obrigada, Senhor, por todas as vezes que tocastes meu coração, segurastes minhas mãos e, semana a semana, me conduzistes me levando a superar cada obstáculo, não me deixando cair.

Agradeço a meus pais, que não puderam me proporcionar esta graduação antes, mas que me educaram com valores, princípios e muito amor. Fatores que foram fundamentais em todas as minhas conquistas, inclusive essa. A meu irmão Luciano, pelo apoio, incentivo e pelas caronas para a faculdade.

A meu esposo Alexandre, por todo o seu amor, por nunca me deixar desistir e por acreditar que sou incrivelmente capaz de tudo. A minha sobrinha Isabela, por aguentar meu mau humor durante os períodos mais difíceis da graduação e por ser minha cobaia para testes de figurino, maquiagem e etc. A todos os companheiros da turma, com quais compartilhei momentos inesquecíveis de aprendizado, especialmente a Matheus Rodrigues Telles, por ser o amigo leal e dedicado, grande companheiro de estudo e da vida.

A todos os professores que compartilharam seus conhecimentos, especialmente meu tutor André e minha orientadora Alice Stefânia pela disponibilidade e apoio.

A coordenação e direção da Escola Estadual Peixoto Gomide, por permitir a realização da pesquisa, assim como ao professor Maurício B. Xisto, por disponibilizar seus horários de aula.

Ao diretor e amigo Milton Cardoso pela criatividade, direção das cenas de *Romeu e Julieta* e por me encorajar a cursar esta graduação.

Ao amigo de todas as horas, companheiro de cena e irmão de vidas Felipe Rocha, sem o qual esse trabalho não seria possível, agradeço pelo carinho constante, por comprar minha ideia, embarcar nessa jornada e compartilhar toda essa experiência comigo.

E, por fim, especialmente a meu filho Felipe, que no alto de seu um aninho de vida foi extremamente gentil e dormiu entre uma mamada e outra para que eu pudesse concluir esse trabalho.

RESUMO

Esta monografia tem o propósito de observar como ações de mediação relativas a peças apresentadas podem contribuir para a formação de espectadores e no contato cultural de alunos da rede pública de ensino de Itapetininga com a linguagem teatral. Apresentações do projeto *Romeu e Julieta* foram organizadas para algumas turmas das séries finais dos ensinos fundamental e médio da Escola Estadual Peixoto Gomide e foram nossos objetos de mediação. Para tanto, nosso percurso de pesquisa trará discussões acerca dos processos de mediação; das questões envolvidas na formação ou educação de um público de teatro, pautadas na recepção de diferentes linguagens estéticas e; por fim, considerando o contexto sociocultural em que estão inseridos os alunos que participaram da parte prática do projeto.

Palavras-chave: Formação de espectadores, mediação, escola, projeto Romeu e Julieta.

ABSTRACT

This paper aims to observe how mediation actions, regarding to presented plays, can contribute to the formation of viewers in cultural contact of the students from the public school system of Itapetininga with the theatrical language. Some presentations of the project Romeo and Juliet were organized for some classes of final grades of elementary and high school at the public School Peixoto Gomide and were our objects of mediation. To this end, our research route will bring discussions about mediation process; the issues involved in formation or education of a theater audience, guided by the reception of different languages and aesthetics ; Finally , considering the socio-cultural context in which students who participated in the practical part of the project live.

Key-words: Formation of viewers, mediation, school, Romeo and Juliet project

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – A FORMAÇÃO DE ESPECTADORES NO AMBIENTE ESCOLAR E A MEDIAÇÃO.....	12
1.1 Formação de espectadores.....	16
1.2 Mediação	19
CAPÍTULO 2 – O PROJETO <i>ROMEU E JULIETA</i> DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR	22
2.1 O projeto Romeu e Julieta.....	25
2.2 O projeto Romeu e Julieta mediado e não mediado	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
ANEXOS	42
ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO 1	42
ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO 2.....	43
ANEXO 3 – ROTEIRO DA MEDIAÇÃO.....	45

INTRODUÇÃO

O interesse por jovens, seus conflitos, descobertas e a maneira como transitam para a vida adulta é sempre motivação para minhas pesquisas. Unindo esse interesse natural a duas experiências pessoais, buscarei observar a eficácia da apreciação de peças teatrais mediadas dentro do ambiente escolar para a formação de público.

A primeira experiência que motivou esta pesquisa foi a oportunidade de participar da criação e da execução do projeto *Romeu e Julieta*, em 2010, que apresentou trechos do espetáculo na Escola Estadual Peixoto Gomide, no município de Itapetininga, com intuito de despertar o interesse desse público para os clássicos da literatura. Esse projeto, no qual participei como atriz, tinha o objetivo de “desmistificar” alguns ícones da literatura considerados pelos jovens como inatingíveis e entediantes. Percebemos que esses alunos não gostam de ler clássicos da literatura e dramaturgia, por sempre terem sido impostos como tarefa e obrigação. Após nossas apresentações e o diálogo final, o número de procura por exemplares, dos textos apresentados, aumentou consideravelmente, segundo *feedback* da coordenação.

A segunda experiência ocorreu em 2013, observando aulas de arte em escolas privadas de ensino médio, enquanto cursava a disciplina de Estágio, quando descobri que muitas delas não ofereciam aulas de artes na grade do ensino médio. Perguntando aos alunos se eles frequentavam teatro, a resposta da grande maioria foi que não gostavam porque nunca entendiam nada, que preferiam cinema.

Conhecendo a importância do contato com o teatro e suas linguagens para a formação do cidadão, a presente pesquisa buscou compreender e considerar a importância de promover esse contato, por meio da análise do impacto de mediações associadas a encenações dentro do ambiente escolar. Além disso, observou-se como essa prática pode auxiliar na compreensão do conteúdo e das linguagens teatrais e, conseqüentemente, despertar o interesse e apreço dos alunos, formando espectadores dentro da escola, fomentando a formação cultural desses jovens.

De modo geral, o trabalho com mediações prevê a intersecção entre dois termos ou objetos variados, visando, a partir das associações entre tais objetos, novas

reflexões e novos conhecimentos. As pesquisas sobre mediação tratam do uso dessa estratégia em processos de formação cultural nos quais os participantes criam e vivenciam o fazer teatral com o intermédio do mediador ou, ainda, no uso da mediação para aproximar público e obra, espectador e cena.

Com o foco na pesquisa sobre formação de público dentro do escola, as mediações pré e pós apresentação, acompanhadas de questionários acerca do contato com a linguagem teatral, foram ferramentas para a análise e comparação dos dados coletados a partir das impressões dos alunos no papel de espectadores. Quatro turmas da escola foram escolhidas para assistir as apresentações, duas do nono ano do Ensino Fundamental e duas do terceiro ano do Ensino Médio. Dessa forma, trabalhamos com duas faixas etárias diferentes, dos treze aos catorze anos com os alunos do nono ano e dos dezessete aos dezoito com os alunos do terceiro ano do colegial. O direcionamento presente dentro do uso metodológico da mediação, nessa pesquisa, é o discurso, portanto diálogos e esclarecimentos, antes e depois da encenação, basearam o momento da mediação.

A pesquisa sobre mediação tem alguns autores que são considerados pioneiros nas discussões sobre o assunto, como Ingrid Dormien Koudela, que fala do uso de duas abordagens possíveis dentro do uso da mediação:

O **método discursivo** aposta principalmente na mediação de informações (palestras introdutórias, documentos em forma de textos) e na troca verbal de opiniões (debates). Ele visa principalmente ao conhecimento cognitivo e racional.

O **método apresentativo** utiliza técnicas criativas e lúdicas na preparação para a visita ao teatro e leitura do espetáculo após a volta à escola, como jogos, desenhos e rodas de conversa, através das quais os alunos contam a sua experiência sensível. Visa primordialmente à compreensão associativa e emocional. (KOUDELA, 2010, p. 22-24)”

A escolha do método discursivo para o desenvolvimento do trabalho tem base no início do projeto *Romeu e Julieta*, em 2010, pois o momento para conversas e discussões sobre o que os alunos tinham visto nas cenas e refletido a partir delas já

existia desde lá, mas apenas no intuito de termos um *feedback* sobre o trabalho que estávamos realizando. Além disso, o método apresentativo, como sugere Koudela, demandaria mais tempo e espaço dentro da escola e, apesar da proposta muito interessante, dificultaria o cronograma seguido na elaboração do trabalho.

A apresentação teatral escolhida para essa pesquisa é uma adaptação de *Romeu e Julieta*, criada por um grupo do qual faço parte em 2010. Estruturalmente temos três cenas: a primeira, do original de Shakespeare, trata-se da famosa cena do balcão; a segunda é uma adaptação para teatro da crônica *Complexidade feminina*, de Luís Fernando Veríssimo e; a terceira, é um recorte de uma releitura de *Romeu e Julieta*, feita por um grupo de teatro do nordeste brasileira chamado Xilindró, que apresenta a ideia de como seria se o casal não tivesse tido o fim trágico escrito por Shakespeare e estivesse comemorando bodas de ouro, com todas as limitações que a idade lhes confere. A encenação tem um clima cômico, portanto, principalmente a partir da segunda cena. A escolha dessa apresentação se justifica em vários pontos, por exemplo: desconstruir as obras literárias canônicas; mostrar que *Romeu e Julieta*, bem como qualquer outra obra, não exige uma representação necessariamente realista, com figurinos e cenários grandiosos, questão que pode estar enraizada no imaginário justamente por tratar-se de uma obra consagrada; aproveitar que o tema do amor chama a atenção de espectadores adolescentes.

O trabalho apresenta uma divisão de dois capítulos, com duas seções cada. No capítulo *A formação de espectadores no ambiente escolar e a mediação* discutiremos em diferentes seções conceitos ligados a teorias estéticas e de recepção, com foco na promoção do contato de alunos da rede pública de ensino com diferentes linguagens, seguido da articulação de tais conceitos com o processo de mediação. No capítulo *O projeto Romeu e Julieta dentro do ambiente escolar* detalharemos a execução prática das apresentações e das mediações realizadas na escola Peixoto Gomide.

CAPÍTULO 1 – A FORMAÇÃO DE ESPECTADORES NO AMBIENTE ESCOLAR E A MEDIAÇÃO

Nas mais variadas expressões artísticas observamos que o tipo de linguagem usado, pode colaborar no processo de descondicionamento de padrões que guiam nossa percepção dos acontecimentos do mundo cotidiano. A manifestação artística tem vocação para extrapolar a linguagem racional, que busca entendimento e compreensão, muitas vezes ferindo o contato com nossas emoções e sentimentos. O uso de diferentes linguagens artísticas – por exemplo, a literária, a teatral, a musical, a plástica – causa estranhamento num possível receptor justamente por colocá-lo diante de uma expressão de linguagem distante, em alguma medida, do padrão corriqueiro, estabelecido socialmente, culturalmente, ao longo da história.

É nesse estranhamento que encontramos o caminho para o deslocamento do racional, do palpável, do concreto e nos percebemos em contato com sentimentos e emoções, partes essenciais de cada um. Por diversos fatores, esse contato com o que nos humaniza não é tido como importante uma sociedade cada vez mais imersa em normas e exigências de enquadramento político, ideológico, econômico. A arte, muitas vezes, vive o estigma de algo erudito, canônico, distante, enquanto, na verdade, a arte se faz em cada um no contato e na reação do contemplar qualquer expressão estética.

Tratando desse assunto, muitos conceitos precisam ser considerados e vistos, primeiramente por estarmos no campo das humanidades e, portanto, lidando com ideias mais flexíveis e relativas, distantes de questões fixas, preestabelecidas, características mais afins da maior parte dos estudos das Ciências Exatas, por exemplo. Com foco na sensação de estranhamento causada pelas linguagens construídas e elaboradas nas expressões artísticas, o espectador torna-se elemento chave para que o fazer artístico se concretize, o que nos leva para os estudos sobre recepção.

Desde as descobertas e novas propostas artísticas do período que chamamos “modernista”, o receptor passa a ser considerado um ser ativo e pensante e que, portanto, não se isola, ou não deveria se isolar, na simples contemplação. Isso se dá,

por exemplo, porque o modernismo possuía a proposta de romper tradições clássicas na tentativa de criar novas possibilidades para o fazer artístico. Pensando no modernismo brasileiro, que em sua primeira fase voltou-se para questões nacionalistas na busca por uma identidade brasileira, a abordagem de temas com engajamento político e social tendia a despertar nos leitores reflexões sobre o momento histórico vivido pelo Brasil naquela época. Segundo Antonio Candido (1988, p.169), a literatura, como manifestação estética, é um direito do ser humano, portanto a tendência modernista de considerar o leitor para a produção da obra é coerente com a busca de rompimento dos padrões estéticos anteriores, quando o leitor era muitas vezes um elemento passivo dentro de todo o processo artístico. O contato com a obra vai para além do ver e entender, processos reflexivos, de associações e interpretações são disparados. Se consideramos o receptor, conseqüentemente entendemos que cada indivíduo, com suas vivências, experiências e opiniões, receberá a obra e a difundirá, em si mesmo ou no mundo externo, de modo particular.

Nesse aspecto, esbarramos em teorias de recepção estética, difundidas em estudos relacionados a arte no geral, portanto na literatura, na música, nas artes plásticas e, também, no teatro. A linguagem teatral pressupõe um público, os receptores e, no caso desta linguagem específica, o contato desse público com a obra é vivenciado no tempo presente, ao vivo, enquanto a linguagem é realmente representada na encenação. Sobre isso, Desgranges, doutor em educação, diretor teatral e professor do Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP, discorre:

O sentido de uma cena teatral, tal como a compreendemos a partir das produções artísticas recentes, não se constitui como um dado prévio, estabelecido antes da leitura, algo pronto, fixo, atribuído desde sempre pelo autor, mas algo que se realiza na própria relação do espectador com o texto cênico. (DESGRANGES, 2010, p. 50)

O recorrente pensamento sobre “o que quer dizer” abre espaço para percebemos o que a expressão artística de fato disse por meio das especificidades de sua linguagem, considerando sempre a interpretação singular e subjetiva de cada receptor. A partir daí, como indivíduos, os sentidos atribuídos e as sensações vivenciadas têm total relação com essa individualidade, uma vez que cada espectador

receberá a obra em diferentes perspectivas em relação aos outros. “Atribuir sentidos, portanto, quer dizer estabelecê-los em relação a nós mesmos.” (DESGRANGES, 2010, p.50). Contudo, essa recepção só ocorre se, em primeiro lugar, o espectador estiver disponível e aberto para tal experiência de envolvimento com o objeto artístico a ser contemplado, seja uma representação teatral, um poema, um filme. Afirma Desgrandes:

A experiência estética não pode ser concebida como algo que se dê sem a efetiva atuação do leitor, e sem que este se disponibilize para uma produção de sentidos *a priori* inexistentes. O ato do espectador, distante dos limites das teorias da comunicação e reconhecido na dimensão artística que o constitui, não se resume ao recolhimento de informações, ou à decodificação de enunciados, ou ao entendimento de mensagens, pois a experiência estética se realiza como constituição de sentidos. O que solicita invenção na linguagem, ou invenção de linguagem. O papel do leitor em arte, assim concebido, muito se aproxima do próprio papel do escritor. (DESGRANGES, 2010, p. 51).

Em teorias estéticas de recepção em literatura, por exemplo, muitas vezes o leitor é visto como coautor do texto, pois ao atribuir sentidos cria um novo texto a partir do enunciado e de suas bagagens empíricas. Na linguagem teatral, o mesmo ocorre, considerando que até o momento falamos de recepção estética de modo geral no mundo das artes. Contudo, neste ponto, outras discussões precisam ser levadas em conta.

Em primeiro lugar, considerando a sociedade racional e viciada em informação da qual fazemos parte, percebemos que essa capacidade da recepção se enquadra, sofrendo limites de uma instrumentalização do discurso que precisa apenas ser ouvido, decodificado, memorizado e compreendido. Às vezes nem todas as etapas são contempladas. O segundo ponto destacável é como a linguagem teatral é vista e sentida dentro desse quadro. Trata-se de uma linguagem às vezes distante da linguagem verbal usada para a comunicação em nosso cotidiano, já condicionada. Para além disso, sabemos que o acesso a eventos culturais como uma peça de teatro não faz parte da realidade de todos os cidadãos do nosso país. O teatro e suas diversas expressões ainda precisam ser desmistificados, ainda mais se pensarmos na realidade de cidades do interior, distantes dos grandes centros e polos culturais.

Nesse ponto, a falta de contato com o teatro distancia também a disponibilidade de apreciá-lo, de vive-lo como experiência artística:

Por vezes, a indisponibilidade para a experiência poética parece se dar pela necessária conquista de autonomia crítica e criativa em face do acontecimento, especialmente em situações em que o espectador se percebe alheio aos processos artísticos. O que se caracteriza como atitude oposta a do sujeito que tem opinião, mas que se configura como o outro lado da mesma moeda, pois essa dificuldade de empreender a leitura, de produzir um ato artístico, se funda no mesmo hábito receptivo vigente no meio social. Só que ao invés de ter sempre uma opinião formada, o indivíduo não se sente capaz de formulá-la e aguarda que alguém de direito, devidamente autorizado, possa lhe dizer o que pensar do fato, ou explicar “qual a mensagem que o artista quis passar”, ou mesmo como deve proceder em tal evento. (DESGRANGES, 2010, p.52).

Desgranges trabalha com a ideia de que o modo lógico e racional, operante no espectador, não permite que este se engaje plenamente no contemplar estético, mesmo que a expressão proponha ao receptor que encare aquilo com outras perspectivas. Por não fazer isso, o espectador não cumpre a produção de sentidos de forma particular. Aqui, fatores sociais precisam ser discutidos e Desgranges recorre a Walter Benjamin para observar os reflexos da sociedade na inibição do real contato com linguagens artísticas.

Para Benjamin, o constante processo de urbanização que permeia nossa sociedade coloca os indivíduos em posições que nem sempre permitem o contato com seus próprios sentimentos ou com elementos que desestabilizem os padrões do dia-a-dia. Para ele, a percepção sensível de cada um “(...) está premida por uma vivência urbana marcada pelos choques do cotidiano, pela padronização gestual, pelo consciente assoberbado, e pelo desestímulo à atuação de outras formações da psique. Resta-lhe o empobrecimento da experiência e da linguagem.” (BENJAMIN *apud* DESGRANGES, 2010, p.53).

Para que haja uma quebra de esquema na percepção do espectador, a expressão artística também deve apresentar rompimentos, pensamentos que herdamos das descobertas e tendências modernistas. Desde as vanguardas europeias, invenções artísticas se propõem a estimular, até mesmo provocar, o espectador a se relacionar com a arte de modo não apenas contemplativo. No contato com outras percepções,

além de entendermos mais sobre nós mesmos, nosso senso crítico é, aos poucos, aflorado, pois nos relacionamos com o mundo de diversas maneiras e não apenas no modo funcional. Ao interagirmos com nossos próprios níveis de percepção nos vemos de outra forma no mundo e, conseqüentemente, passamos a ver o mundo de outra forma. Não só nesse sentido o teatro pode ser encarado como uma potência para o senso crítico de um cidadão, afinal, há diversos temas que a linguagem teatral pode englobar em suas expressões, como temas humanizadores, temas engajados política e socialmente.

Em sintonia com essas questões, este trabalho pretende observar como se pode fortalecer o processo de formação de um público teatral, por meio de encenações mediadas, dentro do ambiente escolar, que como instituição faz parte do mundo urbano e engessado onde a percepção funcional é predominante. Neste capítulo discutiremos, em duas seções, a formação de espectadores e a mediação, sempre levando em conta os conceitos de recepção apresentados até aqui.

1.1 Formação de espectadores

Para este trabalho, consideramos como espectador o sujeito que se vê diante de alguma manifestação artística. Nas tendências do teatro moderno, historicamente pensado no fim do século XIX e no início do XX, o desenvolvimento científico e algumas reestruturações sociais têm grande importância para o que se pensou nessa área. O desenvolvimento tecnológico, associado às encenações renderam novas possibilidades de criação para o fazer teatral, se pensarmos nos jogos de luz e som que brincam com tonalidades, profundidades, e estimulam sensações variadas, além das já exploradas por outros elementos cênicos. A preocupação das ciências humanas em discutir aspectos sociais tornou a sociedade mais consciente sobre ela mesma e sobre todas as influências que pode ter sobre os indivíduos que a compõe, pensando

em convenções e normas sociais pré-estabelecidas em cada meio.

Tais pensamentos alcançaram as diversas manifestações artísticas e no teatro a reflexão, em primeiro plano, se direcionou para dentro da cena e em seu funcionamento. Se a sociedade se reestruturava, os estudantes das artes teatrais viram-se em meio a uma necessidade de busca por novas linguagens possíveis para esta arte, que marcassem também dentro da encenação diálogos com a realidade que se transformava aos olhos da sociedade. Por este caminho, segundo Desgranges, em seu texto *Quando teatro e educação ocupam o mesmo espaço*, a especulação sobre a relação entre espectador e espetáculo não tardou a ser iniciada, aproximando-se, não despropositadamente, das teorias de recepção (2004, p.13)

É importante levarmos em conta como o espectador se relaciona com a encenação, antes, considerando possíveis expectativas, durante e depois, pensando na reverberação que a arte pode ter dentro das experiências de cada um. Com foco na relação com a cena durante sua reprodução, o espectador é apresentado a uma dramaturgia que pode usar da palavra, nas falas dos personagens, por exemplo, mas que também pode se estruturar considerando outros elementos como a expressão corporal, efeitos acústicos, composição da cenografia. Para Desgranges a experiência teatral “desafia o espectador a, deparando-se com a linguagem própria a esta arte, decodificar e interpretar os diversos signos presentes em uma encenação.” (DESGRANGES, 2005, p. 5) Diante de tantas linguagens que ajudam a compor a teatral, cabe ao espectador associá-las, interligando aspectos que o levem a uma interpretação e compreensão mais apurada desse conjunto de expressões. “Este mergulho no jogo da linguagem, que provoca o espectador a elaborar uma compreensão destes variados elementos linguísticos propostos em uma montagem teatral, estimulam-no a exercitar e a apropriar-se desta linguagem.” (DESGRANGES, 2005, p. 5)

Neste trabalho, entendemos por “formar espectadores” a boa elaboração deste primeiro estágio de reconhecimento e apropriação a linguagem teatral, que, evidentemente, só pode acontecer em contato com ela. Já discutimos que em nosso país, apesar de conhecido como um celeiro de culturas, uma chamada “alta cultura”

fica ao alcance de uma minoria elitizada e, como consequência, só esse público tem a oportunidade de se familiarizar com os princípios estéticos de cada expressão artística.

Como afirma Desgranges (2011):

Um projeto de formação de espectadores, assim, pode valer-se das mais variadas estratégias e procedimentos pedagógicos, com o objetivo de instaurar uma prática continuada, que, em consonância com a ida aos espetáculos, vise à apreensão da linguagem teatral em questão; visitas guiadas a salas teatrais com vistas a apresentar o maquinário e os bastidores de um espetáculo; estímulo para que os participantes criem textos, cenas, objetos de cena, etc. a partir do espetáculo visto, entre outros procedimentos extra espetaculares de preparação ou de prolongamento que visem dinamizar a recepção da obra teatral (p.158).

Nesse aspecto, formar um espectador não é leva-lo a raciocinar e a aprender que existem padrões estéticos considerados bons, belos e eruditos. Formar um espectador teria como intuito estimular a capacidade de elaboração estética exercitando-a.

Durante a elaboração deste trabalho, algumas questões terminológicas chamaram a atenção. O uso da palavra “formação” parece não dar conta de transmitir o processo de contato com diferentes linguagens estéticas, que nada tem a ver com dar forma a algo ou a alguém. Um espectador “formado” é aquele que recebeu uma forma, que foi feito, constituído, o que não basta para que ele se relacione com naturalidade com qualquer manifestação artística que provoque estranhamentos na linguagem de uso corrente. Talvez a expressão “educação de espectadores” seja mais interessante por “educação” ser um termo usado para falar do processo de desenvolvimento de qualquer capacidade humana, seja física, moral ou intelectual.

A promoção de uma educação estética vai além da educação lógica incansavelmente valorizada em nossa sociedade, pois permitiria que o indivíduo trabalhasse também com habilidades de percepção que se relacionem com a sensibilidade. A educação estética viria num processo de capacitação no qual o sujeito não apenas pensasse sobre o mundo, logicamente, mas também sentisse o mundo.

A educação estética não é a panaceia nem a salvação da crise educacional que atinge a maioria dos países, mas uma contribuição à cultura que pode envolver a todos os membros da sociedade, promovendo um sistema ético que oriente as relações com o outro. Trata-se de uma ação educacional bastante complexa, que atinge a multidimensionalidade de ser humano com o objetivo de valorizar ações subjetivas e coletivas e de recriar a vida em seus aspectos material e espiritual, fazendo brotar o que há de melhor na autoria de cada um e deslocando-os da postura de simples consumidores culturais. (ORMEZZANO *apud* SOARES, 2008)

Os primeiros escritos sobre educação estética foram produzidos pelo poeta e filósofo alemão Schiller, segundo ele só uma educação que promovesse a capacitação intelectual e sensível ofereceria ao homem o poder de desenvolver-se plenamente. Educar um espectador, nesse sentido, seria colocá-lo em contato com suas capacidades lógicas e emocionais, idealizando uma visão mais abrangente, social e culturalmente falando.

1.2 Mediação

Os conceitos de mediação mudam de acordo com a pesquisa produzida, também porque a metodologia usada para trabalhar a mediação pode alterar-se de experiência para experiência. Dessa forma, percebemos que a caracterização de um processo de mediação é ampla e diversa. Neste trabalho, a mediação aparece como ferramenta para a formação do espectador, acompanhando o pensamento de Maria Lúcia de Souza Barros Pupo em *Mediação artística, uma tessitura em processo* “mediar a relação entre o público e a obra implica a realização de esforços visando à aprendizagem da apreciação artística por espectadores pouco experimentados.” (PUPO, 2011, p. 114)

Para Pupo (2011) por vezes a mediação pode ser usada para falar da facilitação ao acesso ao teatro enquanto espaço físico, portanto pensando em publicidades e propagandas, alternativas para aquisição de ingressos e, por meio dessas estratégias, fidelizar o público. Por outro lado, a mediação pode ser usada como instrumento de aproximação entre o público e uma obra, mas não para

direcioná-lo ou apresentá-lo a conceitos certos e errados. O intuito da mediação é estimular o contato com a obra e com as reflexões que cada um pode ter a partir dela e, num exercício constante, a mediação pode aproximar o público não apenas de um espetáculo mediado, mas também da linguagem estética teatral.

No texto *Mediação artística, um tessitura em processo* (PUPO, 2011), a autora também pensa a noção de mediação por meio da estrutura em que ela se estabelece. Uma possível estrutura de mediação seria formular experiências que pudessem ser vivenciadas por espectadores de uma encenação específica, a fim de colocá-los em contato e em reflexão sobre a obra. Em outro caso, a figura de um mediador que articulasse conhecimentos artísticos e pedagógicos, poderia ser importante para o relacionar espectador/espectáculo. Esta última ideia, pautada por uma metodologia discursiva, apresentada na introdução, é que a seguimos na parte prática deste trabalho.

Como dito no início desta seção, o conceito de mediação é bastante amplo e a produção teórica sobre ele, voltada para as artes cênicas, traz poucas respostas numa busca por sentidos genéricos dessa disciplina. A mediação, sem pensarmos no campo teatral, tem como base a promoção de reflexões e aprendizados, a partir da articulação entre dois objetos de estudo, por exemplo. A figura do mediador é justamente a responsável por articular as informações que estão sendo trabalhadas a fim de construir novos aprendizados.

Os textos sobre mediação teatral geralmente são norteados pela narrativa de projetos que contaram com a mediação em seu percurso, mas, em cada projeto, a mediação era trabalhada de acordo com o desenrolar de cada caso, criando grandes particularidades nos processos de mediação empregados. Em todo caso, a mediação sempre estava ligada ao espectador e a uma tentativa de aproximação entre ele e a linguagem teatral ou entre ele e a obra.

Dessa forma, concluímos que justamente por ser tão abrangente é que tenhamos dificuldade em encontrar uma única definição para mediação, ou algo claro e fechado apontando para tal caminho. Por isso sempre há um projeto, uma

apresentação, ou um trabalho específico como referência em textos de mediação, pensando que o seu uso depende diretamente da finalidade desejada em cada caso.

CAPÍTULO 2 – O PROJETO *ROMEU E JULIETA* DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR

Para levarmos nossas discussões mais adiante falando da práxis desta pesquisa, julgo necessário visitarmos algumas questões relacionadas ao contexto socioeducativo de jovens da rede pública de ensino, com foco no contato que esses jovens têm com o mundo. Sem dúvidas, a internet é o meio de comunicação mais atraente nos últimos tempos, por sua versatilidade e praticidade em veicular informações dos mais variados gêneros, abrindo um leque de escolhas vasto para cada internauta e seus interesses. Contudo, o acesso à internet ainda não pode ser considerado popular, visto que algumas pessoas não se relacionam cotidianamente com esse instrumento e outras, ainda, não possuem condições de acesso ao ambiente virtual. A televisão, por sua vez, é um veículo de informações bastante popular no mundo contemporâneo.

Não é preciso alçarmos grandes voos para perceber como a televisão já faz parte de nosso cotidiano. Os aparelhos televisores estão por toda parte: na padaria, nos restaurantes, nos bares, no cabelereiro, nas lojas, nos shoppings, na academia, nos ônibus, até nos celulares. A televisão se expandiu para além dos lares, onde também pode ocupar mais de um cômodo: na sala, no quarto, na cozinha, etc. É um meio de comunicação que se tornou parte de uma predominância de espaços na contemporaneidade. Dessa ocupação de espaços físicos, facilmente chegamos a questão do lugar que a TV ocupa em nossas vidas. No mundo infantil a televisão é conhecida como espécie de “babá eletrônica”, pois muitas crianças ficam o dia todo ou grande parte dele diante do aparelho. Desde jovens muitos criam o hábito de comer em frente à TV, por exemplo. Enquanto adultos podemos nos desligar das demandas de pensamentos frenéticos do dia a dia para assistir qualquer coisa que nos faça não pensar. Não é meu objetivo martirizar a televisão e seus propósitos, tendo em vista que há muitas vantagens a serem exploradas por esse veículo comunicativo, mas sim atentar para o que o excesso de contato com este meio pode trazer de consequências para nosso reconhecimento crítico e estético de modo geral.

A televisão vista como instrumento midiático abre espaço para muitas discussões que envolvem política, ideologias, manipulação, massificação, contudo,

para este trabalho, nos atentaremos às linguagens visual e verbal geralmente usadas pela TV e a como tais linguagens podem engessar nossos aprendizados e prazeres estéticos. Para isso é importante salientar que quando falo da televisão tomo como base a que veicula programas em formato mais popular, voltados para um público de um modo geral menos crítico e exigente, veículo de canais abertos, portanto.

Com o desenvolvimento tecnológico e dos recursos em relação à computação gráfica dentro da arte do cinema, a televisão acabou se beneficiando no sentido de aumentar também sua capacidade de reprodução do real. A preocupação com o realismo é presente em grande parte do que é produzido por emissoras de TV, ligada ao conceito de *mimeses* aristotélico, tratando da reprodução do real, justamente, por meio de sua imitação. Muitas vezes, ao eleger a verossimilhança como base para o que será reproduzido, pode ocorrer um excesso de contextualizações e explicações todas pautadas no real que resultam na falta do exercício da abstração por parte do espectador.¹ Não é necessário criar, imaginar, subentender, refletir sobre o que é visto, apenas é preciso assimilar a informação que chega pronta, fechada. É importante ressaltar que há pesquisas nesta área que apontam para o chamado “realismo-melodramático” na composição dos enredos dos programas ficcionais, como para Jaguaribe (2014), que pode acontecer, por exemplo, quando a realidade cotidiana social é incorporada na vivência individual de alguns personagens, retratando o racismo, a violência contra a mulher, a homofobia.

Refiro-me, ainda, às informações do telejornal, que são dadas por meio de enunciados preparados previamente, com escolha e manutenção dos signos linguísticos e suas construções sintáticas e todas as técnicas de discurso que podem ser empenhadas; falo de desenhos animados, que se estruturam a cada e em todo episódio da mesma maneira narrativa, facilmente reconhecida pelo espectador; falo de telenovelas, que trazem suas tramas excessivamente explicativas para que o espectador

¹ Julgo importante esclarecer que tenho consciência do impacto e relevância do movimento realista, bem como de importantes repercussões do mesmo no panorama estético da contemporaneidade. Entretanto, nesta discussão, estamos abordando a apropriação mais superficial de características do movimento realista por parte da estética televisiva. Do mesmo modo, quando refiro-me à *mimesis* aristotélica, estou consciente de não trazer uma reflexão aprofundada e histórica sobre o conceito, apenas faço menção à apropriação desta noção pelos modos de ficcionalização por parte de alguns meios de comunicação de massa.

não possa ter margem para outras interpretações. A linguagem usada pela televisão não é distante da linguagem de nosso dia a dia, racional, reprodutiva quando tratamos de questões da própria realidade cotidiana. Por essa perspectiva, a linguagem televisiva não suscita nenhum descondicionamento de nossas percepções em relação ao contato com outras manifestações estéticas, pois ela mantém um padrão de linguagem mais corriqueiro.

Sem dúvidas o contato recorrente ou exclusivo com a TV nos condiciona e nos aproxima muito mais desse tipo de linguagem facilitada pelos referenciais do real e do raciocínio. Então, quando em contato com outras expressões da linguagem, o espectador condicionado a apenas assimilar conteúdos pode não saber como se comportar ou reagir aos possíveis estímulos da obra e, por isso, não ficar à vontade diante de alguma manifestação artística. Aqui esbarramos no ponto já discutido no primeiro capítulo sobre como diferentes expressões estéticas causam estranhamento em seus espectadores exatamente por não se estruturarem em um tipo de linguagem próxima da comum, das relações interpessoais, das ruas, do trabalho, da TV.

Apreciar manifestações estéticas demanda energia e esforço por tais manifestações exigirem um rompimento na maneira em como vemos e pensamos as coisas do mundo, por exigirem um rompimento na maneira como fomos acostumados a ver e a pensar as coisas do mundo. Quando falamos em formação de espectadores dentro da rede pública de ensino, estamos falando de estimular pessoas que tiveram seu olhar e seu pensar direcionados desde que nasceram, pela família, pela escola e também pela TV. Nesse sentido, formar um espectador prevê um processo de desconstruções sobre como ele foi condicionado a ver-se no mundo e a ver o mundo, para o início da construção de um espectador que seja de fato um receptor consciente e ativo.

2.1 O projeto Romeu e Julieta

Em 2010 eu fazia parte de um grupo de pesquisas de linguagem dentro do Núcleo de Artes Cênicas do SESI de Itapetininga. Naquele ano a proposta de montagem envolvia a construção da linguagem teatral fora do palco italiano e, por isso, um espetáculo itinerante foi estruturado em trabalho conjunto, explorando outras imediações do espaço físico do SESI de Itapetininga que dispunha de um clube de campo, possibilitando que criássemos cenas nas vias de acesso, entre as árvores, em arquibancadas, com um terceiro ato todo representado na piscina.

No processo de criação da peça, o exercício de ressignificar espaços para o fazer teatral foi bastante explorado, inclusive com a presença de público em ensaios abertos para que tivéssemos um *feedback* sobre as experimentações que fazíamos em relação ao lugar da representação cênica. O espetáculo trazia em seu enredo discussões sobre tipos de amor passíveis de serem sentidos, por isso buscamos em várias obras material para compor essa temática e, assim, chegamos até *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. A segunda cena do segundo ato da obra, a popularmente conhecida como “cena do balcão”, foi a escolhida para fazer parte dos recortes que tematizavam tipos de amor.

Após algumas semanas de contato com esse fragmento específico do texto, o diretor Milton Cardoso propôs que apenas aquela cena de *Romeu e Julieta* fosse apresentada para alguns alunos da rede pública de ensino, já fora do palco italiano, pelo casal de atores que provavelmente representaria essa cena no espetáculo. O diretor tinha contatos com a diretoria da escola estadual Peixoto Gomide, em Itapetininga, e conseguiu que utilizássemos a escadaria principal da escola para representar a cena de Shakespeare. Os espectadores ficavam sentados nos degraus, enquanto Romeu e Julieta transitavam por eles, subiam e desciam a escada durante a cena. Depois da apresentação, todos do grupo participavam de uma conversa com esses alunos, para que pudéssemos compartilhar impressões sobre a cena, principalmente na questão espacial.



Romeu no meio dos alunos falando com Julieta. Escadaria da escola Peixoto Gomide. 14/09/15 Fotógrafo: Maurício B. Xisto

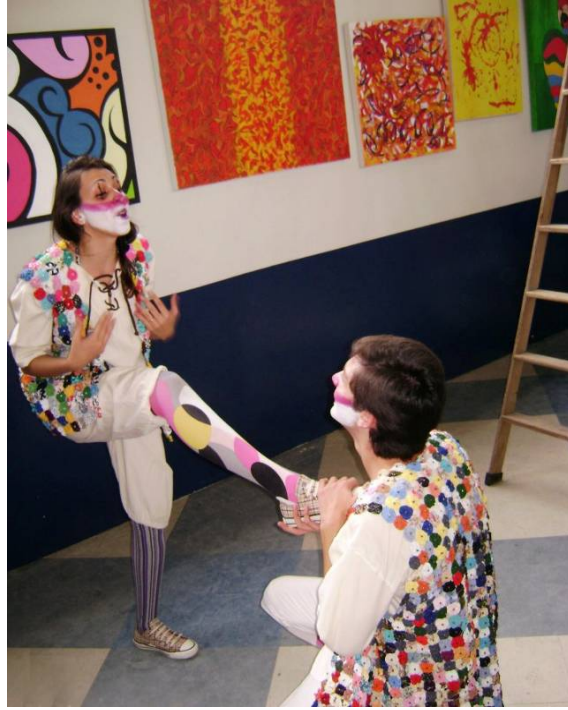
Essas apresentações nas escolas foram rendendo muitas experiências para o processo de montagem que estávamos vivendo, mas, aos poucos, também foram adquirindo sentido próprio. Percebemos que a partir dessa apresentação muitas escolas se abriram para o interesse na linguagem teatral. Professores, coordenadores e alunos nos procuravam para outras apresentações em novas escolas, para articularem teatro e literatura, para iniciar processos de montagem de espetáculos. Diante disso, as apresentações se multiplicaram e a atriz que interpretava a Julieta, por motivos pessoais, não conseguia mais participar de todas as encenações, então surgiu a oportunidade para que eu fizesse a Julieta nesse projeto que surgia naturalmente por

conta da montagem do espetáculo no SESI.

Com o passar do tempo, o projeto foi encorpando e se modificando: além de *Romeu e Julieta* eu e meu parceiro de cena também interpretamos algumas cenas entre Bentinho e Capitu, a partir de fragmentos selecionados de *Dom Casmurro*, principalmente usando o espaço das aulas de língua portuguesa e literatura; o figurino colorido de fuxicos, incorporado de montagens anteriores, passou a ser usado, até então fazíamos as cenas com roupas de ensaio; o uso de uma escada comum como cenário passou a ser explorado, pois apresentamos também em lugares que não possuíam um lance de escadas que possibilitasse a cena, como no refeitório de uma empresa, por exemplo; o texto foi recebendo ajustes, transformando-o numa adaptação com fragmentos de Shakespeare, Luís Fernando Veríssimo e de um texto escrito por Luis Alberto de Abreu, numa releitura de *Romeu e Julieta*.

Para a composição estética dessas cenas buscamos o clima da arte popular, com maquiagem e figurino com influências clownescas, além de músicas como *Lua Branca*, de Chiquinha Gonzaga, e cirandas, garantindo a encenação um tom brincante. A escolha dessas alternativas teve relação com a proposta de desconstruir a visão canônica de que os grandes clássicos da literatura precisam ser representados sempre pautados pela erudição.

Em 2011 o projeto se aproximou do formato que tem ainda hoje e se consolidou depois de mais de cem apresentações em escolas, instituições de ensino privado, empresas, feiras e festivais teatrais. Como esse projeto, apesar de ter tido seu ritmo diminuído, não deixou de acontecer ao longo dos anos, quando na faculdade em contato com estágios de observação e regência, e também com teorias de recepção estética, formação de espectadores e mediação, enxerguei-o como um ponto de partida para pesquisar tais temas usando-o como instrumento da parte prática deste trabalho na recolha de dados.



Figurino- Sábado Cultural- Sarapuí/SP 201... fotógrafo: Luciano D. de Jesus



Escada transportável- 4ª Mostra de Teatro de Sarapuí- Prêmio Junior Mosko 2015. Fotógrafo: Josué Schanoski

Agora que temos o projeto *Romeu e Julieta* apresentado, podemos entender melhor como as mediações em relação a ele aconteceram na escola estadual Peixoto Gomide, a mesma que o recebeu pela primeira vez quando ainda era só experimento.

2.2 O projeto Romeu e Julieta mediado e não mediado

Como este trabalho se propôs a observar a eficácia do exercício de mediação após a apresentação de espetáculos enquanto potencializador do processo de recepção, a mediação de método discursivo (KOUDELA, 2010) foi colocada em prática, usando, portanto, a troca de informações e opiniões por meio de debates. Minha estratégia foi organizar quatro apresentações, com quatro turmas diferentes, entre as quais apenas duas tivessem o momento da mediação após o espetáculo.

Em contato com a administração da escola Peixoto Gomide e com o professor da área de língua portuguesa, que gentilmente cedeu seus horários de aula, organizamos dois dias de apresentações, que, mais tarde, por complicações com o espaço da escola se estendeu para três, com foco nos últimos anos de cada ciclo: nonos anos do fundamental e terceiros do ensino médio. Assim, dentre as quatro turmas contempladas, apenas uma turma de nono ano e uma turma de terceiro colegial tiveram a experiência da mediação.

Antes da apresentação, ainda na sala de aula, expliquei aos alunos que eles assistiriam a algumas cenas e que, dentro de uma pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso, eu precisava que eles respondessem questionários² que usaria de *corpus* para análise. Nessa conversa inicial levantei questões sobre o contato dos

² O uso de questionários para a pesquisa demandou tempo e reflexão para a composição de perguntas que realmente ajudassem na coleta de dados pertinentes para o que esta monografia pretendia observar. Por isso, optei pela elaboração de perguntas objetivas que facilitassem a análise dos dados, contudo, nos momentos de mediação voltei a atenção para estimular que os alunos tecessem impressões e comentários de modo mais livre e aberto, procurando expandir discussões. Os questionários estão disponíveis nos anexos deste trabalho.

alunos com a linguagem teatral e com a história de *Romeu e Julieta*, perguntas que voltaram a aparecer no primeiro questionário, preenchido por eles em seguida e antes das cenas. Todas as quatro turmas responderam a esse questionário que tinha como propósitos, principalmente: observar se os alunos estavam familiarizados com o teatro e sua linguagem; saber se demonstravam algum interesse por essa arte; fazê-los buscar seus referenciais pessoais sobre a história de Romeu e Julieta.

A apresentação foi encenada tal como no início do projeto, usando as escadarias da escola para a reprodução da cena de Shakespeare, portanto os alunos ficaram sentados nos degraus, ora rodeados, ora no meio dos atores no ato cênico. A escolha desse espaço e dessa disposição para a primeira cena tem a ver com a proposta de descondicionalidade possibilitada pela linguagem teatral, para que desde o seu posicionamento físico o espectador experimente um processo de estranhamento.



Alunos na escadaria. Escola Peixoto Gomide. 14/09/15 fotógrafo: Maurício B. Xisto



Visão dos alunos. Escola Peixoto Gomide. 14/09/15. Fotógrafo: Maurício B. Xisto.

A cena baseada na crônica *Complexidade feminina*, de Veríssimo, e a cena extraída da releitura de *Romeu e Julieta* de Luis Alberto de Abreu aconteceram no anfiteatro da escola, que fica exatamente em frente às escadarias da primeira cena. Nessas partes da apresentação o estranhamento vem despertado pelos textos e pelo rumo narrativo que o enredo toma: a proposta de continuidade na relação de Romeu e Julieta, como se o final trágico escrito por Shakespeare não existisse. Com Veríssimo exploramos as discussões de relação entre o casal e na releitura de Abreu avançamos para a velhice caquética dos personagens, que têm problemas de memória e mal lembram quem são. Assim, nessa adaptação de *Romeu e Julieta*, colocamos o público em contato com três fases dos personagens em cada cena: a juventude, a vida adulta e a velhice. É importante lembrar que cada fase, do ponto de vista da construção dramaturgica textual, é composta por uma poética diferente das outras, influenciando também na encenação e na interpretação.



Anfiteatro do colégio Peixoto Gomide. 14/09/15. Fotógrafo: Maurício B. Xisto.

Ao final da apresentação, um nono ano e um terceiro colegial, que não tiveram mediação, responderam ao segundo questionário, com orientação de não responderem as três últimas questões, voltadas para o momento da mediação e respondidas apenas pelas turmas que passaram por esse processo. O intuito desse questionário era mais complexo: saber sobre as impressões dos alunos diante das cenas; fazê-los pensar sobre a ressignificação do espaço para a primeira cena; observar como foi para eles a mudança no enredo da história original e, por consequência, a mudança da linguagem dos personagens de uma cena para a outra. O outro nono ano e o outro terceiro colegial – que vivenciaram a mediação – responderam, após a apresentação, ao segundo questionário completo.

O processo da mediação foi, claramente, mais aproveitado pelos alunos de terceiro ano do Ensino Médio, talvez por estarem, geralmente, numa idade em que conversas e discussões são mais atraentes, pensando que nesta idade os alunos já podem ter mais vivências e experiências que possibilitam um diálogo com mais sustentação. Esses alunos se mostraram bastante curiosos, perguntando e dando suas opiniões sobre a história de Romeu e Julieta que acabavam de conhecer. Dentro do método discursivo da mediação, segui um roteiro³ de considerações importantes a serem feitas, estimulando a reflexão dos alunos em relação às mesmas questões do

³ Disponível nos anexos deste trabalho.

segundo questionário: como era o contato com aquele tipo diferente de linguagem; a utilização de um espaço cotidiano do ambiente escolar para uma encenação; a adaptação do enredo, etc. Como graduanda em Licenciatura em Teatro, vivenciar a experiência como mediadora ainda enquanto aluna foi desafiadora. Como já foi dito, desde o início do projeto Romeu e Julieta conversas e discussões aconteciam entre atores e espectadores, o que me faz pensar que, de certa forma, a mediação já acontecia. Contudo, anos depois, com maior contato com teorias teatrais e, agora, consciente da importância dessa etapa dentro do projeto, pude vivenciá-la com maior segurança e aproveitamento. Nesse sentido, a elaboração do roteiro de mediação, que antes não existia, tornou as discussões mais palpáveis e coerentes dentro de uma proposta de mediação discursiva.

Analisando os questionários, o que inicialmente chama a atenção, mas não surpreende, é o pouco contato que os alunos têm com o teatro, alguns nunca tinham ido ou visto nenhum tipo de encenação teatral. Como consequência disso, muitos deles não tinham nenhum interesse pelas artes cênicas. Esses aspectos dos questionários demonstram como nossas políticas públicas falham na difusão cultural, lembrando que por lei o teatro deve ser trabalho nas escolas e que esta pesquisa foi realizada numa escola.

No total, cento e três alunos assistiram às apresentações, cinquenta e um alunos com mediação e cinquenta e dois sem essa etapa. Analisando os dados dos questionários, dentre os alunos que vivenciaram a mediação, 87,31% disseram acreditar que a mediação aproxima o contato com a linguagem teatral e com a proposta da montagem. Dentre o mesmo grupo de alunos, 100% ficaram interessados em assistir mais peças depois da experiência. Já entre os alunos que não participaram da mediação, 51% não demonstrou interesse em assistir outras apresentações. A análise desses últimos números é de extrema importância para o que este trabalho pretendia observar: a eficácia da mediação teatral para a aproximação dos espectadores da linguagem teatral. Sem a mediação, mais da metade dos alunos não se sentiu estimulada para vivenciar outras manifestações estéticas ligadas ao teatro. Confirmando a carência do acesso ao teatro comentada no final do parágrafo anterior,

36% dos alunos nunca tinham contemplado uma apresentação teatral.

Na coleta dos dados dos alunos, optei por não pedir que se identificassem com nomes, incluí apenas um campo para distinção de gênero, por isso, ao falar dos alunos usarei números para que possa fazer referência a alguns deles, contudo, trata-se de uma estratégia puramente textual e que não demonstra o modo como vejo e trato tais alunos.

Nos questionários das turmas que viram a encenação mediada, poucas vezes o momento da conversa foi visto como algo negativo, como observamos neste exemplo do aluno 1, do nono ano do fundamental: “10 – A conversa pós apresentação trouxe pensamentos e impressões novas em relação ao espetáculo? *Não, porque já tinha entendido o suficiente.*”.

O uso do verbo “entender” aparece no questionário do aluno 1, mas é recorrente nas respostas de modo geral, o que mostra como essa é a preocupação da linguagem cotidiana, racionalizada, condicionada pela TV e pelos meios de comunicação das massas. O simples contemplar e decodificar não alcança lugares mais complexos de nossa subjetividade, o que impede a construção de aprendizados diante da experiência artística voltados para o próprio eu.

Na maioria dos questionários que contemplavam o momento da mediação o resultado foi positivo, enriquecendo a experiência e não diminuindo-a. Alguns alunos, como é o caso deste aluno 2, do nono ano, apesar de terem aproveitado da mediação, tiveram a delicadeza de observar que não se trata de algo comum: “10 – A conversa pós apresentação trouxe pensamentos e impressões novas em relação ao espetáculo? *Sim, porque conversar depois é mais interessante e não são os teatros que têm isso.*”.

Seguindo essa linha, observamos que quando os alunos se sentem mais familiarizados com o que lhes foi apresentado, o prazer e a atração estética surgem com mais firmeza, observando todos os elementos que contribuem para a construção da linguagem teatral:

Aluna 3, nono ano do ensino fundamental, em resposta ao questionário dois:

“10 – A conversa pós apresentação trouxe pensamentos e impressões novas em relação ao espetáculo? *Sim, porque nós conseguimos entender porque eles tinham aquela roupa, a cara pintada e porque eles não morrem como na história.*”

11 – O contato com os atores e as colocações feitas por eles a respeito da apresentação o deixou mais próximo do espetáculo e da experiência com a linguagem teatral? *Sim, porque eu nunca tinha parado pra pensar que qualquer barulhinho ou conversa atrapalha muito a história. Como a gente tá mais acostumado a ir no cinema, a gente acaba falando, comendo, falando no ‘whats’ e não atrapalha ninguém.*”

12 – Você acha que esses esclarecimentos e que a discussão são necessários? *Sim, porque é mais interessante de assistir quando você entende o que quer dizer.”*



Maquiagem. Viernes Club. 10/12/12. Foto: Novo Agito

Já segundo a aluna 4, terceiro ano do ensino médio, em resposta ao questionário dois:

“10 – A conversa pós apresentação trouxe pensamentos e impressões novas em relação ao espetáculo? *Sim, porque ajudou a compreender algumas coisas que não entendíamos e a imaginar outras que não tínhamos pensado antes.*

11 – O contato com os atores e as colocações feitas por eles a respeito da apresentação o deixou mais próximo do espetáculo e da experiência com a linguagem teatral? *Sim, porque nem todas as apresentações são iguais. A gente fica entendendo melhor a intenção das coisas e mais gostoso de assistir assim.*

12 – Você acha que esses esclarecimentos e que a discussão são necessários? *Sim, porque a gente entende melhor o que sentiu e porque sentiu.”*

Nos casos das alunas 3 e 4 percebemos que a mediação despertou novas reflexões acerca do que viram nas três cenas. A aluna 3, na resposta para a questão 10, aparentemente, após a mediação, consegue identificar elementos cênicos como maquiagem e figurino na composição estética das três cenas, além da percepção das três poéticas que constroem a adaptação de *Romeu e Julieta* que se distancia dos rumos do original de Shakespeare.

Nas respostas da aluna 4, apesar de positivas para a prática da mediação, observamos novamente o recorrente uso do verbo “entender”, que, no caso dela, aparece nas três respostas destacadas. Contudo, ela esbarra em conceitos mais subjetivos quando, por exemplo, na questão 11, diz que entender a intenção dos elementos que compõe a linguagem teatral torna a prática de assistir a um espetáculo mais “gostosa”. Em sua resposta para a questão 12, mesmo criando o paradoxo “a gente *entende* melhor o que *sentiu* e porque *sentiu*”, ela parece perceber que os sentimentos que a estética teatral provocam são relevantes para o seu contato com a obra como espectadora.

As respostas do aluno 5, do terceiro colegial que vivenciou a mediação, chamaram minha atenção, pois se tratava de um aluno que possuía algum contato prévio com teatro fora da escola. Isso ficou claro em sua resposta a questão 5 do questionário dois: “5 – Depois dessa apresentação, você tem vontade de assistir outros espetáculos? *Sim, fiquei com vontade de ver peças diferentes assim, gostei de saber que elas não precisam acontecer dentro de um teatro para serem legais, eu já tinha visto um teatro na rua uma vez mas achei estranho e dessa vez foi muito legal.”*. Já para o aluno 6, da mesma turma, em sua resposta a questão 8, o conforto de um espaço com palco e assentos para o público fez falta: “8 – Comente em algumas palavras como foi estar

numa posição diferente durante a apresentação, e não sentado numa poltrona em frente ao palco: *Foi ruim ter que ficar olhando pra cima o tempo todo, quando mudou pro antiteatro foi melhor que parecia teatro normal.*”.

Nas questões que falam sobre a mediação o aluno 5 voltou a deixar claro seu interesse:

“10 – A conversa pós apresentação trouxe pensamentos e impressões novas em relação ao espetáculo? *Sim, porque os atores e todo mundo que viu foram falando coisas diferentes que faziam a gente pensar coisas diferentes.*

11 – O contato com os atores e as colocações feitas por eles a respeito da apresentação o deixou mais próximo do espetáculo e da experiência com a linguagem teatral? *Sim, porque eles falaram da maquiagem de palhaço, da roupa, explicaram que aquele final é diferente da história de Romeu e Julieta, falaram também de como é fazer as cenas, dá vontade de fazer um teatro também.*

12 – Você acha que esses esclarecimentos e que a discussão são necessários? *Sim, porque depois da conversa foi bem melhor pra entender.*”

A aluna 7, também do terceiro colegial que participou da mediação, assim como o aluno 5, disse em sua resposta para a questão 9 do questionário dois ter ficado mais interessada em ver peças fora de um teatro quanto espaço físico: “9 – Depois de ver as apresentações sobre Romeu e Julieta você mudou a sua visão de teatro? *Sim, porque eu achava que teatro tinha que ser no palco, só que foi mais legal ver o Romeu e a Julieta na escada, porque parecia que tinha o cenário, mas não era no palco.*”. Depois, em resposta a questão 12 do mesmo questionário, ela diz: “12 – Você acha que esses esclarecimentos e que a discussão são necessários? *Sim, porque daí deu pra entender que o teatro pode acontecer em qualquer lugar, eles falaram que só precisa dos atores e do público pra assistir.*”.

Muitos dos alunos acabaram não respondendo ao questionário de forma que pudéssemos usar as respostas para analisar, alguns não responderam, outros responderam coisas aleatórias e até palavrões.

De modo geral, fiquei satisfeita com as falas citadas e, principalmente, com algumas discussões que surgiram durante a mediação, girando em torno dos temas que mais chamaram a atenção deles: a cena nas escadarias, o figurino, a maquiagem, o

trabalho de ator. Mesmo numa pesquisa tão pontual, com apresentações e mediações limitadas, é possível observar que vivenciar o processo da mediação ajudou alguns alunos a se relacionarem melhor com o que haviam assistido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar dentro do ambiente escolar com a formação de espectadores, ou educação de espectadores, como discutimos numa das seções deste trabalho, não é uma tarefa fácil. Primeiramente pensando na precariedade de recursos e políticas públicas que permitam aos profissionais de pedagogia e teatro condições para viabilizar o contato dos alunos da rede pública de ensino com as possibilidades estéticas da linguagem teatral. Para além disso, o processo de educar um espectador para que ele aproveite das manifestações culturais de sua sociedade necessita de um longo prazo para se efetivar, afinal, o desenvolvimento da capacidade de reconhecer, interpretar e sentir outras linguagens estéticas demanda contato com tais manifestações e, principalmente, o empenho de cada espectador em descondicionar-se da linguagem lógica e dura do cotidiano de uma sociedade.

Foi essencial para esta pesquisa colocar em confronto os termos “formação” e “educação”, considerando que formar, dar forma a um espectador, parece estar muito mais próximo de uma apresentação e identificação de padrões estéticos bons ou ruins, ou seja, puramente classificáveis, do que o estímulo emancipador que um processo de desenvolvimento de capacidades físicas, intelectuais e emocionais pode proporcionar. O senso crítico de um cidadão é muito mais apurado no segundo caso, justamente porque no desenvolver dessas capacidades é que reflexões afloram e permitem as descobertas de outras e novas perspectivas de encarar o mundo e, também, se encarar-se no mundo.

Eleger metodologicamente a mediação para buscar apoio no processo de educar espectadores ofereceu grande desafio para a realização deste trabalho, se tratando de uma ferramenta metodológica bastante ampla. Exatamente por tal amplitude é que o trabalho com a mediação pode se ajustar de acordo com as finalidades de cada proposta. Por exemplo, em contato com um público menos familiarizado com as artes cênicas, pode ser mais interessante promover a mediação em relação à linguagem estética teatral que apenas em relação à obra e seus conteúdos.

Mediar o projeto Romeu e Julieta para turmas de nono ano do Ensino Fundamental e de terceiro ano do Ensino Médio foi interessante por colocar os alunos em contato com a estética teatral efetivamente. Além de trabalhar diferentes linguagens verbais devido a adaptação de três textos, sem contar que a temática discutida no enredo de *Romeu e Julieta* faz parte de um imaginário coletivo e, portanto, não era algo totalmente novo para os alunos. O contato com as cenas, os questionários e a mediação, firmando a parte prática deste estudo, permitiu que eu observasse dentro desse grupo de alunos as diversas recepções em relação à obra e ao fazer teatral em si.

A análise dos questionários nos dá base para afirmar que a mediação discursiva, ou seja, a que relaciona o público e a obra por meio de discussões, esclarecimentos e debates, pode sim estimular a percepção estética de um espectador. Concluimos, é claro, que trabalhando com um número restrito de turmas e com uma única apresentação mediada, o processo de educação desses espectadores só começa a ser movimentado, afinal, como discutido no primeiro capítulo deste trabalho, o contato habitual com as manifestações estéticas é imprescindível. Não podendo esquecer também dos estudos sobre educação estética, que apontam para o mesmo caminho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂNDIDO, Antônio. *O direito à Literatura*. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

DESGRANGES, Flávio. *A Pedagogia do Espectador*. São Paulo, Hucitec, 2003.

_____. *Pedagogia do Teatro: provocação e dialogismo*. São Paulo, Hucitec, 2006.

_____. *Quando teatro e educação ocupam o mesmo lugar no espaço*. Caminho das Artes. São Paulo: Secretaria da Educação, 2005.

_____. *Mediação Teatral: anotações sobre o projeto Formação de Público*. Urdimento, Florianópolis, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2008.

_____. *Arte como Experiência da Arte*. *Lamparina-Revista de ensino de Teatro* 1 (1), 50-56, 2012.

JAGUARIBE, Beatriz. “Realismo melodramático: o Rio de Janeiro nas telenovelas”. Trabalho apresentado em painel em Congresso de Comunicações, Congresso Compós, Belém, Brasil, 2014.

PUPO, Maria Lúcia de Souza Barros. *Mediação artística, uma tessitura em processo*. Urdimento, Santa Catarina, v.1, n.17, 2011, p.113-121, 2011.

SCHILLER, Friedrich. *Sobre a Educação Estética do ser humano numa série de cartas e outros textos*. Lisboa: Imprensa Nacional casa da Moeda, 1993.

ANEXOS

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO 1

Questionário 1 – Apresentação teatral – Romeu e Julieta – Pré-apresentação

Data __/__/____ Idade: ____ Sexo: Masculino () Feminino ()

1 – Você já teve a experiência de ir ao teatro? Se sim, quantas vezes e como você ficou sabendo da apresentação (ex: escola, amigos, TV)?

Sim () Quantas vezes: ____ Como: _____

Não ()

2 – Já tendo ido ou não, como você acredita que seja a experiência de ir ao teatro?

Muito agradável ()

Agradável ()

Satisfatória ()

Normal ()

Indiferente ()

Ruim ()

3 – Na escola, você já estudou alguma coisa relacionada a teatro?

Sim () Em qual matéria e o que foi visto: _____

Não ()

4 – Você conhece o escritor inglês William Shakespeare?

Sim, mas apenas ouviu falar () Sim, já leu alguma obra () Qual:

Não ()

5 – E a obra Romeu e Julieta, você conhece de algum lugar?

Já leu o livro () Já viu algum dos filmes () Já viu no teatro ()

Já ouviu falar () Não ()

6 – Você acredita que alguma apresentação de teatro possa ser realizada fora do palco (ex: na rua, no espaço escolar, etc)?

Sim () Onde: _____

Não ()

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO 2

Questionário 2 – Apresentação teatral – Romeu e Julieta – Pós-apresentação

Data: __/__/__ Idade: ____ Sexo: Masculino () Feminino ()

1 – Esta foi a primeira apresentação de teatro que você assistiu? Se não, quantas vezes, anteriormente, teve contato com apresentações teatrais?

Sim () Não () Quantas vezes: ____

2 – Como foi a experiência de assistir essa intervenção teatral?

Muito agradável () Agradável () Normal () Indiferente () Ruim ()

3 – Você já tinha pensado que este lugar do ambiente escolar, que faz parte do seu dia-a-dia, poderia ser usado com outra finalidade e não só o habitual descer e subir de um andar ao outro?

Sim () Não ()

4 – Comente em algumas palavras as impressões e sentimentos que teve durante a apresentação:

5 – Depois dessa apresentação, você tem vontade de assistir outros espetáculos?

Sim () Por que:

Não () Por que:

6 – Você ficou curioso para conhecer toda a história de Romeu e Julieta?

Sim () Por que:

Não () Por que:

7 – Você percebeu que essa adaptação de Romeu e Julieta foi composta por textos diversos, observando, por exemplo, a mudança da linguagem usada pelos personagens de cena pra cena?

Sim () Não ()

8 – Comente em algumas palavras como foi estar numa posição diferente durante a apresentação, e não sentado numa poltrona em frente ao palco:

9 – Depois de ver as apresentações sobre Romeu e Julieta você mudou a sua

visão de teatro?

Sim () Por que:

Não () Por que:

—

10 – A conversa pós apresentação trouxe pensamentos e impressões novas em relação ao espetáculo?

Sim () Por que:

Não () Por que:

11 – O contato com os atores e as colocações feitas por eles a respeito da apresentação o deixou mais próximo do espetáculo e da experiência com a linguagem teatral?

Sim () Por que:

Não () Por que:

12 – Você acha que esses esclarecimentos e que a discussão são necessários?

Sim () Por que:

Não () Por que:

ANEXO 3 – ROTEIRO DA MEDIAÇÃO

Esclarecimentos pré-apresentação (10min)

- Explicar que eles estão participando de uma pesquisa;
- Perguntar o que eles conhecem sobre a obra Romeu e Julieta;
- Diferenciar a linguagem teatral da linguagem do cinema e da TV;
- Aplicar o questionário.

Roteiro da mediação (Entre 25min e 30min)

- Levantar questões sobre o que foi mais diferente do esperado por eles durante a apresentação;
- Questionar sobre o que mais chamou atenção esteticamente, texto dos personagens, cenas, figurinos, maquiagem;
- Explicar o papel da mediação;
- Questionar se, na visão deles, a mediação teve o efeito esperado;
- Explicar a motivação da pesquisa;
- Aplicar o questionário e abrir um espaço para dúvidas.

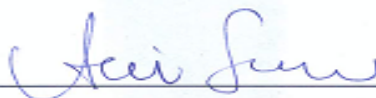
ANEXO 4- FOLHA DE APROVAÇÃO

FABIANA DOMINGUES LIMA

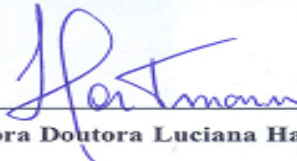
A MEDIAÇÃO TEATRAL E A FORMAÇÃO DO ESPECTADOR NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB - Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas- CEN como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a 55 sob a orientação do (a) professor (a) Doutora Alice Stefania Curi.

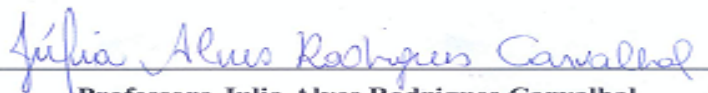
Itapetininga-SP, 26 de novembro de 2015.



Professora Doutora Alice Stefania Curi



Professora Doutora Luciana Hartmann



Professora Julia Alves Rodrigues Carvalho